



---

**EDITORIAL**

---

## *Amamentação: a visão das mulheres e a semana mundial*

*Breast-feeding: Women's view and the world breastfeeding week*

**Marina Ferreira Rea\***

Em sociedades onde a prática de amamentar é rara e o desmame precoce tornou-se a regra, uma das grandes lacunas do conhecimento a se investigar em estudos sobre amamentação diz respeito à visão das mulheres sobre esta prática. Este tema é abordado por Cassia Arantes neste número do *Jornal de Pediatria*.

As perguntas que se impõem, hoje, àqueles que querem promover a amamentação são: Quais as razões que levam algumas mães a amamentar? Que estratégias foram utilizadas por essas “vencedoras” para superar e reverter o processo de desmame, quando todas (ou a maior parte) das forças levam, na nossa sociedade, ao desmame precoce? A identificação dos fatores ou características presentes nessas mulheres pode nos apontar aspectos fundamentais do como é possível amamentar num meio hostil.

Como conciliam a necessária tranquilidade, ausência de ansiedade - essenciais para a liberação de ocitocina e saída e ejeção de leite do peito - com a realidade da luta pela sobrevivência nas áreas urbanas? Como procuram apoio de outras mulheres com experiência para, no dia a dia, superar os pequenos “problemas”, como rachaduras e ingurgitamento mamário, os quais podem se tornar grandes e levar ao desmame em comunidades onde seus parentes já não residem, as dificuldades de comunicação são grandes e o serviço de saúde é impessoal e quase sempre não receptivo? Como acatam a orientação pediátrica de aleitamento materno à demanda, exclusivo até o sexto mês, com a necessidade concreta de volta ao trabalho com 4 meses pós-parto (quando a mãe é amparada pela lei), sem creche no local do emprego, sem transporte adequado para levar o bebê consigo, ou mesmo sem espaço e tempo disponíveis para manter

a lactação pela extração de leite durante a jornada de trabalho?<sup>1</sup>

O artigo aqui publicado permite a reflexão sobre o conflito que a mulher enfrenta entre seu papel produtivo (de cidadã trabalhadora, com acesso à escola, inserida na sociedade deste final de século) e seu papel reprodutivo. Este conflito nasce quando a mulher se torna fértil, perpassa o ciclo gravítico-puerperal e continua, mais acirrado, quando

ela passa a ter uma criança para criar; nessa etapa, a responsabilidade da vida de um outro ser torna a situação mais delicada. Para os pediatras, é neste delicado momento que devem enfrentar tal conflito. Para eles, na sua prática cotidiana, a meta é a

sobrevivência e não morbidade infantil e, assim, é fundamental lembrar que a mãe-interlocutora é pessoa chave nas decisões e ações que serão tomadas sobre aquela criança. A mulher-mãe está vivendo esse conflito de papéis que a leva a atitudes freqüentemente ambíguas (“...Não é só aquilo: a amamentação, o bebê... A mulher, hoje em dia, tem outras coisas para fazer além do serviço de casa. Tem o trabalho também”, de um dos depoimentos citados por C. Arantes).

A questão acima não se coloca para as mulheres africanas em geral, ou as que vivem em áreas rurais<sup>2</sup>. Na realidade, o que se acredita, hoje, é que todas as mulheres podem (e devem) ter o prazer e o direito de amamentar também em seu próprio benefício, pois o aleitamento materno exclusivo retarda uma nova gravidez<sup>3,4</sup>.

Mas, para isso, necessitam reaprender acerca da força ou poder que elas exercem (do inglês: empowerment) ao amamentar<sup>5</sup>. E não permitir que seu produto seja substituído por outro de menor qualidade<sup>6,7,8</sup>. Quando conhecem seu poder, o insubstituível valor do leite que produzem, a conciliação de papéis é exercida sem maior conflito. A pobre mulher africana exerce esse poder salvando vidas, adiando mortes, de maneira intuitiva; para ela, ver a diferença entre seus filhos, um criado no peito, outro não, é ver claramente a sua força. Em contraposição, a mulher na sociedade “moderna”

---

***Veja artigo relacionado  
na página 195***

---

---

\* Doutora em Medicina Preventiva, Pesquisadora Científica VI do Instituto de Saúde (Coord. dos Institutos de Pesquisa) da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.

perdeu essa intuição, enredada na vida urbana, na propaganda enganosa, e consumindo toda a tecnologia criada para adiar ou anular seu papel reprodutivo: da pílula anticoncepcional, cesária e laqueadura, à fórmula infantil: todos conspiram para que seus hormônios femininos fiquem em "baixa", suas mamas se tornem apenas objeto sexual e seu poder como ser procriador e criador fique estagnado.

Como recuperar essa força? Que papel temos nós, profissionais de saúde? Os pediatras, em especial, como podem contribuir para que a mulher-mãe exerça seu papel de amamentadora na sua plenitude?

Preocupados com essa questão, em 1º de agosto de 1990, em reunião havida na Itália, agências internacionais e representantes de governos de 40 países, entre os quais o Brasil, firmaram a chamada "Declaração de Innocenti"\*. Foi essa a primeira oportunidade na qual se estabeleceram as metas de trabalho em prol da amamentação para os anos 90:

- amamentação exclusiva desde o nascimento até os primeiros 4-6 meses de vida, e continuidade dessa prática com alimentos complementares até os 2 anos ou mais;
- "empowering" (ou fortalecimento) das mulheres, seus grupos ou organizações, para que elas possam exercer essa prática;
- implementação de leis que protejam a mulher trabalhadora lactante; e
- proteção do leite materno face às práticas abusivas do marketing de produtos tidos como seus substitutos, por meio de Código ou Normas que regulamentem tal marketing.

Essas metas têm sido revistas e reiteradas pela OMS e UNICEF anualmente na Semana Mundial de Amamentação, que se inicia 1º de agosto. A cada ano, um dos temas é trabalhado na "Semana". Já foram temas: "hospital amigo da criança" (sobre os 10 passos para o sucesso da amamentação), "mulher e trabalho", "código de marketing" e, este ano, o tema é "empowerment", que aqui traduzimos como o fortalecimento da mulher que amamenta. Diversos profissionais de saúde, organizações não governamentais, servi-

ços de maternidade, associações de classe, etc. estão organizando atividades para a primeira semana de agosto, veiculando mensagens sobre a necessidade do fortalecimento da mulher que amamenta. Esses esforços têm sido coordenados pela WABA - World Alliance for Breastfeeding Action\*\*.

Esperamos que as reflexões sobre o artigo a respeito da amamentação na visão das mulheres nos inspirem para melhor promovermos essa prática. Que comemoremos a Semana Mundial de Amamentação, ao mesmo tempo que centenas de colegas em todo o mundo, com mensagens de fortalecimento para a mulher que amamenta: que ela possa exercer seu papel de mãe em toda a sua plenitude, sem constrangimentos, sem limitações, sem culpa, sem concorrentes desleais. Ao contrário, com solidariedade, suporte e proteção.

#### Referências bibliográficas

1. Van Esterik Penny. Women, work and breast-feeding. Cornell International Nutrition Monograph Series nº 23, 1992.
2. Perez-Escamilla R. Breastfeeding in Africa and the Latin-American and Caribbean region: the potential role of urbanization. *J Trop Pediatr* 1994; 40 (3):137-43.
3. Short RV. What the breast does for the baby and what the baby does for the breast. *Aust NZ J Ob Gyn* 1994; 34 (3): 262-4.
4. Weis P. The contraceptive potential of breast-feeding in Bangladesh. *Studies in Fam Plann* 1993; 24 (2): 100-8.
5. Locklin MP e Naber SJ. Does breastfeeding empower women? Insights from a select group of educated, low-income, minority women. *Birth* 1993; 20 (1): 30-5.
6. Walker M. A fresh look at the risk of artificial infant feeding. *J Hum Lact* 1993; 9 (2): 97-107.
7. Osky FA. Infant nutrition, physical growth, breast-feeding, and general nutrition. *Curr Opin Pediatr* 1993; 5 (3): 385-8.
8. Rea MF. Substitutos do leite materno: passado e presente. *Rev Saúde Pública* 1990; 24 (3): 241-9.

\* UNICEF, Declaração de Innocenti, Florença (Itália), 1º de agosto de 1990.

\*\* WABA é uma rede mundial de organizações e indivíduos que trabalham em prol da amamentação. Fundada em 1991, ela funciona em estreita colaboração com o UNICEF. Tem sua sede em Penang, Malásia (P.O. Box 1200, 10850, fax 60-4-6572655), e no Brasil é coordenada por Denise Arcoverde, do Grupo Origem (Av. Beira Mar, 3661/19 - Olinda - CEP 53130-540, Pernambuco, fax 081-4321913).